

História e Teoria da Crítica

por Augusto M. Seabra



Sivan Lafe. 4 Acts de Raimund Hoghe © Rosa-Frank.com

6 de novembro

Crítérios estéticos, subjetividade e juízos de gosto

13 de novembro

A invenção da modernidade e as mutações dos conceitos de arte

20 de novembro

Crítica, arte(s) e artistas

27 de novembro

A crítica ainda existe?

A invenção da modernidade e as mutações dos conceitos de arte

Como surge a categoria de “moderno”? Quando se indica ou valoriza algo de “novo” mas não só – também quando esse “novo” é contraposto ao “antigo”, “clássico” ou da tradição. Mas ainda um outro fator surge quando se refere não apenas uma obra de arte mas também um mais lato conceito, o de “vida moderna”.

O Pintor da Vida Moderna foi originalmente publicado por Charles Baudelaire (1821-1867) em três partes, em novembro e dezembro de 1863 no *Le Figaro* e em 1869 no *L'Art Romantique*, e um dos seus capítulos é mesmo especificamente dedicado à *Modernidade*. Se Baudelaire, poeta

e crítico, não formulou uma teoria geral da modernidade, não obstante elaborou fragmentariamente uma concepção da experiência estética, de uma autonomia da arte que privilegia a “novidade”, inclusive no que ela implica de efêmero. A relação antigo-moderno ou clássico-novo foi desse modo postulada de outro modo, que não em termos tradicionais.

Se considerarmos o paradigma da “antiguidade” e dos “clássicos” como arquétipos e padrão, o contraponto do “moderno” tinha começado a estabelecer-se logo no período histórico e artístico em que esses arquétipos foram estabelecidos, isto é, no Renascimento, prosseguiram em debates já abordados na anterior conferência como a *Querelle du “Cid”* de Corneille e na *Querelle des Anciens et des Modernes* no século XVII em França, e tiveram expressão também em diferentes entendimentos da “antiguidade”, caso das concepções antagônicas de Lessing (1729-1781), expressa no *Laocoonte*, e de Winckelmann (1717-1768).

Mas uma mutação estética crucial ocorreu precisamente nos finais do século XVIII, em 1798/1800, com a publicação em três volumes, por iniciativa dos irmãos Karl Wilhelm Friedrich (1762-1829) e August Wilhelm Schlegel (1767-1845) do jornal *Atheneum*, ao qual, direta ou indiretamente, se ligarão os poetas Novalis (1772-1801) e Hölderlin (1770-1843), isto é, a eclosão do romantismo, de uma teoria do “absoluto” em literatura, que se expandiu com a sua divulgação por Madame de Staël em *De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales* (1800) e *De l'Allemagne* (1813). Um escritor, crítico e compositor como E.T.A. Hoffmann (1766-1822) considerou que “a música é a mais romântica de todas as artes” (porque a mais “absoluta”) e em França o romantismo afirmou-se na literatura, romance, poesia e teatro, com Victor Hugo (1802-1885), designadamente no *Preface de “Cromwell”* (1827) e sobretudo quando da *Bataille d’Hernani* (1830), na pintura com Delacroix (1798-1863) e na música

com Berlioz (1803-1869), mormente com a *Sinfonia Fantástica* (1830), autores considerados como a “trindade” do “romantismo francês” por outro representante do movimento, Theophile Gautier (1811-1872), de resto também, entre outros aspetos, teorizador do bailado romântico e autor do argumento de *Giselle*.

Ao longo do século XIX ocorreram assim diversos processos em simultâneo, a afirmação da autonomia e liberdade artísticas, mas também a inscrição das obras no quadro do capitalismo triunfante, com o alargamento do mercado, incluindo o “mercado de bens simbólicos” (para retomar uma caracterização de Pierre Bourdieu) entre os quais os artísticos e culturais, e a expansão do público e igualmente da imprensa, englobando a crítica, nas páginas designadas de *feuilleton*, termo ainda hoje em uso nos jornais de língua alemã.

A expansão do mercado das atividades culturais públicas e a institucionalização da crítica na imprensa suscitaram uma nova dicotomia, uma oposição mesmo, entre a reiteração de um “cânone”, isto é de um repertório de obras consagradas, e a afirmação do “novo” e “moderno”, suscitando escândalos e mesmo processos judiciais no caso de obras como a *Madame Bovary* de Flaubert, *As Flores do Mal* de Baudelaire ou a *Olympia* de Manet.

Com a mutação dos conceitos de arte ocorreu também assim uma nova polaridade crítica na reiteração do cânone ou na apologia de uma modernidade emergente.

Augusto M. Seabra

Augusto M. Seabra exerce crítica, nomeadamente de música e cinema, desde 1977, dedicando-se também em particular à sociologia da arte. Foi um dos fundadores do *Público*, jornal em que é colunista. Foi membro de júris nalguns dos mais destacados festivais internacionais de cinema. É também programador. Foi professor convidado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.